

CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MIKAEL ITALO RODRIGUES TAVARES

**A MORTE E A CRIANÇA: UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA E PSICOLÓGICA  
ACERCA DA VIVÊNCIA DO LUTO INFANTIL**

Juazeiro do Norte - CE  
2018

MIKAEL ITALO RODRIGUES TAVARES

**A MORTE E A CRIANÇA: UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA E PSICOLÓGICA  
ACERCA DA VIVÊNCIA DO LUTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico apresentado a Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, em cumprimento as exigências para a obtenção do grau de Bacharel.

**Orientadora:** Profa. Esp. Cícera Jaqueline Sobreira Andriola

Juazeiro do Norte - CE

2018

## A MORTE E A CRIANÇA: UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA E PSICOLÓGICA ACERCA DA VIVÊNCIA DO LUTO INFANTIL

Mikael Italo Rodrigues Tavares\*  
Cícera Jaqueline Sobreira Andriola\*\*

### RESUMO

É do conhecimento que o assunto morte integra a evolução humana, onde seu acontecimento é inevitável, mas mesmo sabendo que ela irá ocorrer na maioria das vezes ela tem sua existência negada. O falecimento de um ente querido acarreta momentos dolorosos na vida do enlutado e na infância esse luto causa um sofrimento mais doloroso pelo fato de que os mesmos são dependentes daqueles que pertencem ao seu ciclo familiar. Diante desse luto infantil a família da criança assume um papel de grande importância, pois os mesmos irão colaborar com a reorganização da criança. Neste artigo, caracterizado por uma revisão bibliográfica levando em consideração materiais produzidos sobre a temática, procurou-se perceber como a morte foi e é vista dentro da história da humanidade, como também conceituar seu significado, descrever a maneira como a criança reage a esse determinado acontecimento e mostrar a importância da atuação de um profissional de psicologia durante o processo de elaboração do luto. Refletindo sobre isso, é indispensável que se fale sobre a morte com o objetivo de preparar o sujeito desde sua infância, já que o processo da morte se faz presente por toda vida.

**Palavras-chave:** luto infantil, vivência do luto na criança, psicologia.

### ABSTRACT

It is of the knowledge that the subject death integrates human evolution, where its event is inevitable, but even knowing that it will occur most of the time it is has its existence denied. The death of a loved one leads to painful moments in the life of the bereaved, in childhood this mourning causes a more painful suffering due to the fact that they are dependent on those who belong to their family cycle. In the face of this childish mourning, the child's family assumes a role of great importance, because they will collaborate with the reorganization of the child. In this article, characterized by a bibliographic review taking into consideration all material produced on the theme, where he sought to perceive how death was and is seen within the history of mankind, as well as conceptualizing its meaning, describing the way that the child reacts to this particular event and show the importance of the performance of a psychology professional during the process of elaboration of mourning. Reflecting on this, it is indispensable to talk about death in order to prepare the subject since childhood, since the process of death is present throughout life.

**Keywords:** Child mourning, experience of mourning in children, psychology.

## 1 INTRODUÇÃO

O contexto que envolve a temática em relação à morte é pouco discutido entre as pessoas, tornando assuntos relacionados ao falecimento de alguém um

---

\* Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO),  
Email: mikaelitalo@hotmail.com

\*\* Graduada em Psicologia pela UNIFOR; Especialista em Neuropsicologia pela UNICRISTUS;  
Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte – CE. E-mail: Jaqueline.andriola@yahoo.com.br

tema restrito as conversas cotidianas. Melo (2004) relata que a morte é entendida como um episódio que acarreta dor e sofrimento para aqueles que vivenciam o acontecido.

De acordo com Maranhão (1998), conforme citado por Melo (2004), a sociedade nos dias de hoje demonstra preocupação em relação ao despertar das crianças cada vez mais cedo. Entretanto, assuntos ligados à morte e aos falecidos são omitidos das crianças frente a seus questionamentos.

O assunto morte é considerado desagradável, pois junto com ele vem fatores como sofrimento, angústia e outros sintomas que interferem na vida dos indivíduos que vivenciam esse processo, já que a morte de uma pessoa expressa uma separação e quebra de laços que existiam entre os envolvidos. (RODRIGUES, 2006).

O presente artigo tem como principal interesse promover uma reflexão sobre a vivência do luto na criança diante da construção sócio-histórica e psicológica do significado da morte diante da perda de um ente querido. Com o objetivo geral de analisar a vivência e a influência da morte na criança, como também verificar a importância do profissional de psicologia frente a essa situação.

Neste contexto, Bowlby (2015) relata que a morte de um ente querido é compreendida pela criança como desamparo podendo atingir a evolução infantil tanto a curto quanto em longo prazo, onde esse processo decorrente da morte vai exigir uma reorganização emocional por parte da criança.

O luto infantil é um contexto de relevante atenção que merece estudos mais aprofundados sobre sua importância diante da situação estressora vivenciada pela criança e da carga emocional que a situação carrega, onde a compreensão a respeito do assunto é necessária para perceber as consequências da morte de um familiar para a criança. Visando também colaborar socialmente com a discussão do tema proporcionando nas pessoas um pensamento sobre a relevância do tema e colaborando com a elaboração do luto na infância. Onde cabe também destacar a colaboração futura em estudos acadêmicos voltados para a temática discutida.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA HISTÓRIA DA MORTE**

Bonjardim et al. (2010) relatam que para compreender o conceito atual de morte na sociedade se faz necessário uma busca a um retorno ao tempo para que

seja identificadas as transformações no modo de vivenciar a morte. Somado a isso, os autores ainda descrevem que o mais antigo indicador relacionado à morte e ao seu culto é identificado no período Neandertal. Diante disso, podemos analisar que já no período pré-histórico se fazia presente os rituais simbólicos destinados à morte de acordo com a cultura existente naquele contexto.

De acordo com a escritora Kovács (1992) no tempo pré-histórico já existiam questões ligadas à morte que eram vistas como uma ruptura de laços. A perda de alguém era vista como uma fragmentação das relações presentes naquele ambiente que foi atingido pelo falecimento de alguém. Eram essas as considerações sobre o contexto morte naquele período da história, a quebra do laço entre pessoas que conviviam juntas naquele ambiente.

A morte no período pré-histórico era vista como o fruto de uma manifestação maldosa, onde estariam ligadas a rituais de magia ou feitiços ou até mesmo um ancestral que voltou para levar o sujeito daquela comunidade (BELLATO; CARVALHO, 2005).

Para os sujeitos do período pré-histórico a morte era considerada como um fato que levava ao renascimento de um novo ser, pois acreditavam que o sujeito que morrera renasceria em outro ser vivo, que poderia ser uma nova criança que nasceria ali entre os que ficaram ou até mesmo renasceria em um animal.

O conceito de morte foi algo que apresentou mudanças durante os períodos que correspondem aos séculos X e XX, onde o ponto principal da discursão passou da preocupação sobre a morte de si, para a preocupação da morte do outro (ARIÉS, 2003). Essa morte do outro, ainda segundo o autor acaba afetando não só o sujeito que se vai, mas afeta também os sujeitos que ficam. A mudança do contexto para a morte do outro acaba deixando marcas nos sujeitos que ficam e são afetados com a quebra da relação, levando os sujeitos a vivenciarem o processo de luto pela perda daquele ente querido.

Já no período clássico da antiguidade ocorria certo medo de proximidade com os mortos, onde os locais de sepultamentos eram mantidos afastados das cidades. (ARIÉS, 2003). Esse distanciamento das cidades era com o objetivo de que os mortos não retornassem para perto dos vivos e que não causassem perturbações dentro das cidades.

Guandalini (2010) descreve que o funeral era realizado com o objetivo de possibilitar que o morto esteja pronto para um novo mundo ou uma nova vida pós-

morte. O cerimonial possuía características culturais e sociais que determinava como aquele processo iria ocorrer. Esse acontecimento marcava o rompimento do convívio das pessoas que ficaram com o morto.

De acordo com Da Silva et al. (s.d) na antiguidade oriental, o povo egípcio já praticavam rituais fúnebres ligados a cultura em decorrência da morte, os egípcios acreditavam no deus Osíris que era considerado o deus ligado a morte e que levavam os egípcios a crer em reencarnação, e por isso praticavam a mumificação dos corpos. Através dessa cultura da época os egípcios buscavam manter o corpo dos mortos preservados já que acreditavam na reencarnação da alma naquele mesmo corpo.

De acordo com Timóteo (2010) na idade média o convívio com a morte passa a ocorrer de uma maneira natural, os cemitérios já se fazem presentes nas cidades e fazendo assim parte do cotidiano, só que os sepultamentos eram estabelecidos de acordo com a classe social da pessoa, onde as mais privilegiadas eram enterradas no interior do templo, já os menos favorecidos eram sepultados em uma vala comum.

Nos períodos que correspondem aos séculos XI e XII, o comportamento em relação à morte passou por mudanças sutis, onde passou a se tornar um contexto mais dramático diante do acontecido. Essas mudanças promoviam nos familiares uma nova postura diante do acontecimento e no sepultamento dessas pessoas mortas (ARIÉS, 2003). Segundo o autor supramencionado, no período correspondente ao século XIII, o ser humano explora mais o sentido da morte do outro, passando por um processo de romantizar o ocorrido onde a recordação daquele que se foi gera um novo processo de adoração aos túmulos.

Bellato e Carvalho (2005) relatam que as cerimônias decorrentes da morte no período da idade média e idade moderna sofreram interferência da igreja católica, onde a morte passou a ser omitida e silenciada.

Combinato e Queiroz (2006) relatam que nos períodos pertencentes aos séculos XIX e XXI, a sociedade da época expandia conhecimentos ligados a áreas científicas e a novas tecnologias, fazendo assim que o homem se desvie do pensamento sobre seu próprio ciclo natural de existência e deixe de pensar no seu próprio corpo, nesse período também a sociedade passa a ter dificuldades em contextos ligadas à morte, onde a mesma passa a ser vista como inimiga que acaba levando angústia às pessoas.

Na modernidade acontece uma neutralização das cerimônias fúnebres e também uma ocultação dos temas ligados ao assunto morte, esses dois motivos acabam acarretando mudanças na vivência da perda. A extinção das cerimônias ligadas ao ato fúnebre na atualidade pode gerar obstáculos frente à vivência do luto, como também apresenta dificuldades na relação de significado daquele momento para o sujeito (FREITAS, 2013).

Guandaline (2010) relata que no período atual o contexto morte é considerado pelo sujeito como algo que traga intimidação, e esse fator acaba gerando no sujeito uma tentativa de escapar da morte, fazer com que ela não ocorra. Esse fato colabora com o fato da morte ser vista como um tabu, daqueles que não são tratados nem dentro de casa e nem nos espaços externos ao ambiente familiar, e a ausência de discursão sobre o tema interfere na futura elaboração do luto.

No decorrer da história, inúmeras transformações ocorreram sobre o contexto morte (FARAJ et al. 2013). Percebe-se que a vivência da morte sofreu mudanças derivadas do contexto histórico e cultural, que contribuíram para uma construção social do luto e de fatores ligados a ele.

## 2.2 SIGNIFICADO DA MORTE PARA A CRIANÇA

Gauderer (1987), citado por Anton e Favero (2011) relata que crianças com idade abaixo de cinco anos creem na morte como um fato que possa ser revertido, visto que as mesmas não dispõem da veracidade do fato ou do significado de morte. Diante dessa faixa etária, se faz necessário demonstrar de forma clara a criança o real significado da morte, buscando métodos que colaborem com a explicação do acontecimento.

Ainda de acordo com o autor, as crianças com idade de oito anos em diante, já reconhecem a morte como um fato que não pode ser revertido. Frente a essa idade, a comunicação do assunto deve ser de forma que a criança compreenda onde deve ser utilizado um vocabulário propício para que o assunto fique esclarecido à criança.

É de grande relevância verificar as atitudes da criança decorrente ao luto, mas também se deve buscar analisar a duração dessas atitudes. (TORRES, 2012). A autora ainda descreve que existe um período saudável de vivência do luto, como também um período patológico. Verificar as mudanças no comportamento da criança serve como base para identificar traços de como aquele luto esta sendo vivenciado

pela mesma, onde um tempo longo pode chamar atenção para cuidados mais específicos para buscar solucionar aquela demanda.

De acordo com a escritora Bromberg (2000) a morte para as crianças pode apresentar variações do seu conceito, essa variação pode depender de fatores onde o primeiro fator é direcionado a idade da criança, já o outro motivo, deriva-se da qualidade do elo entre a criança e o ente falecido. A autora ainda relata que o medo que a criança tem da morte está relacionado com o fator da quebra do laço.

O conceito de morte para as crianças se diferenciam de acordo com razões, como a faixa etária que está ligado ao andamento cognitivo da mesma com o método que a morte irá ser explicada a criança, com o vínculo afetivo que ela tinha com o falecido e com as razões ligadas a cultura que a família esta inserida. (METONE, 2007). Esse fator junto com a cultura estabelecida naquela família é determinante frente à elaboração do significado daquele processo que a criança está vivendo decorrente a morte de um ente querido.

Em relação à cultura, Parkes et al. (2003) citado por Paulo (2013), relata que existem diversos meios de expressar a morte de alguém, esses meios estão ligados a contextos culturais. Cada cultura expressa a vivência do luto de forma diferente, e isso interfere diretamente na vivência do enlutado.

Para compreender a maneira como a criança enfrenta a morte e o luto, se faz necessário um conhecimento prévio de como a mesma conceitua o termo morte (SPEECE; BRENT, 1984 apud PEDRO, et al. 2010). Buscar conhecer o contexto que a criança vive é importante para entender sua posição diante do falecimento de um ente querido

De acordo com Ferreira e Wiezzel (2005) o significado da perda de algum familiar para a criança gera uma ausência do convívio com essa pessoa onde ocorre uma transformação na vida da criança que tem que conviver sem a presença daquela pessoa. Essa quebra na relação pessoal da criança e do ente querido que faleceu poderá causar prejuízos na vida da mesma, pois o vínculo foi quebrado e a criança se considera “abandonada” pela pessoa que morreu.

Diante da quebra do vínculo pela morte de um ente querido se faz necessário a busca por ajuda psicológica para criança, como também um acompanhamento da família que irá contribuir no processo individual com a mesma, já que o reflexo da produção do luto na família irá refletir na elaboração da criança. (FRANCO e MAZORRA, 2007).

### 2.3 A VIVÊNCIA DO PROCESSO DE LUTO E A OMISSÃO DO ASSUNTO

O termo luto pode ter como definição a junção de comportamentos diante da perda de alguém. Esses comportamentos podem ser vivenciados de maneiras diferentes por indivíduos. De Oliveira e Da Costa Lopes (2008) relata que durante essa fase os indivíduos costumam demonstrar sentimentos derivados da perda e durante esse processo é de grande relevância reconhecer que é fundamental o indivíduo ter ajuda que o possa aconselhar diante do momento vivenciado.

Rabelo (2004) relata que o luto é o que temos que vivenciar logo depois do falecimento de alguém que se possui um elo, onde os instantes vividos com a pessoa possam se transformar em recordações. Esse período de vivência pode apresentar variações com relação a idade das pessoas que estão passando pelo processo de luto.

O processo de luto pode ser considerado como um agrupamento de sentimentos que surgem no momento seguinte a perda de uma pessoa (FREITAS, 2013). Nesse momento são vivenciados sentimentos ligados à raiva, tristeza, desamparo e culpa. Onde esses sentimentos podem estar diretamente relacionados a forma de como o indivíduo irá vivenciar o luto.

Resende (2000) descreve que o luto deriva do falecimento de alguém que se tem um vínculo afetivo anterior ao acontecido, e durante esse período é de fundamental importância a colaboração da família e amigos com a intenção de levar o sujeito a superar esse acontecimento. O apoio de familiares e amigos é de relevância para o sujeito que está em processo de luto, principalmente para as crianças, além desses dois grupos de ajuda, o enlutado pode ser levado a um psicólogo para ser acompanhado.

O luto gera demanda emocional visível, pois os indivíduos apresentam problemas relacionados a perda, especialmente quando as pessoas falecidas possuem um elo com o indivíduo. (DA SILVA et al. 2017). Aonde a ruptura desse elo vem provocar comportamentos diferentes do habitual no indivíduo enlutado.

Laconelli (2007) relata que é de suma relevância a ação de um profissional para ajudar na demanda vivida pelo sujeito. Faz-se necessário que o profissional tenha compreensão do conteúdo exposto pelo sujeito para traçar estratégias que

venham corroborar com o enlutado na questão de ajudar a superar aquele contexto que está sendo vivido pelo indivíduo.

A morte está correlacionada com fatores como: dor, rompimento e angústia. Esses fatores geram nos atingidos pelo falecimento uma busca por amparo para que se possa vivenciar a perda dessa pessoa. (BANTIM, 2008). A Criança pode procurar um suporte em outro membro da família que precisa de certa forma estar preparado para acolher a criança e saber conduzi-la diante do processo ou até mesmo enxergar a necessidade da busca por um profissional que venha a colaborar com o caso vivenciado pela criança.

Worden (2013) relata que a morte de uma pessoa, mesmo que esse falecimento seja previsto, irá existir um sentimento que aquele fato não ocorreu. Ainda segundo o autor, o primeiro posicionamento a ser tomado é o enfrentamento da realidade onde se deve buscar aceitar que aquela pessoa morreu. Os indivíduos atingidos pelo falecimento do outro costumam não aceitar sua morte, gerando assim um processo de negação daquele ocorrido buscando meios de defesas para sua dor psíquica.

Diante do acontecido, conversar com a criança sobre o falecimento de alguém pode ser considerado uma situação difícil. O adulto que oculta conversar sobre a morte com a criança, dá margem para que ela desperte curiosidade e dúvidas sobre o fato. De acordo com Torres (1999), citado por Lima (2011), a omissão dos fatos com relação ao ocorrido coopera para que a criança se utilize da imaginação, criando contextos que alteram o que realmente aconteceu naquela situação de perda.

De acordo com Aberastury (1984 apud, SERGIK E RAMOS, 2013) no momento em que o adulto se recusa a explicar o que está acontecendo para a criança, ocorre uma quebra no início da construção do luto pela criança, justamente na etapa de confirmação que aquele ente querido irá partir para sempre. “Explicações como foi para o céu, foi viajar, está doente, ou que logo retornará” (Sergik e Ramos, 2013), acabam gerando na criança desorientação, angústia e frustração, interrompendo o conhecimento da criança sobre o que está acontecendo.

Na sociedade vigente o assunto morte em relação às crianças é omitido, pois na visão da maioria é um assunto doloroso de se conversar. (OLIVEIRA e ROCHA, 2017) Diante dessa realidade, se faz necessário abordar o assunto morte com as

crianças, até para prepará-las à infância, já que a morte irá ser presente durante toda a vida da mesma.

As crianças são capazes de notar as narrativas mentirosas e o ocultamento do processo que está ocorrendo naquele momento, ela é capaz também de observar os processos que acabam incentivando a não buscar conhecer aquilo e esquecer aquele assunto ou ocorrido. (SILVA 2007). Essas atitudes dos adultos que rodeiam as crianças para esconder a morte de alguém acabam dificultando o processo de luto e gerando prejuízos para a criança.

Gauderer (1987), conforme citado por Anton e Favero (2011), relata que ocultar os dados em relação ao falecimento de alguém para a criança é baseado nas crenças enraizadas nas pessoas, onde as mesmas acreditam que as crianças não possuem a competência de entender a perda de alguém e que se for feita essa exposição da criança a esse fato, os dados poderiam causar impactos emocionais. Faz-se necessário ocorrer uma conversa com a criança, para explicá-la o que ocorreu e também é de importância mantê-la informada, pois contribuirá com seu processo de vivência do luto de uma forma sadia.

Causar ilusão para a criança poderá criar uma irritação e um desapontamento ligado ao adulto que lhe escondeu o assunto gerando assim uma quebra na confiança das relações. (GAUDERER 1987, apud ANTON E FAVERO 2011) É importante que esse vínculo com a criança não seja quebrado nesse momento difícil que ela está passando, então se deve procurar a melhor forma de comunicar a real situação buscando fortalecer ainda mais o elo entre o adulto e a criança.

Para a elaboração do luto, faz-se necessário que a criança obtenha informações claras e de forma compreensível sobre a morte do seu ente querido, sem que ocorra a tentativa de ocultar ou minimizar o fato ocorrido. (KOVÁCS, 2007). Essa comunicação deve ser feita por uma pessoa que possua um grau de proximidade elevada com a mesma. (LOUZETTE e GATTI, 2007).

#### 2.4 ASPECTOS PSICOLÓGICOS DO PROCESSO DE LUTO

O modo de como a criança vai experimentar esse processo de luto, irá produzir diferenciação, pois poderá ser um acontecimento sofrido ou um processo de natureza tranquila e calma.

Melo (2010) relata que as questões psicológicas são as mais atingidas frente ao falecimento de um ente querido. A morte do familiar gera uma quebra no vínculo

e na organização emocional do enlutado, que acaba criando recursos de defesa e resistência a vivenciar o ocorrido.

Shapiro (1994 apud Ramos, 2016) descreve que o falecimento de algum membro da composição familiar gera um rompimento que desestrutura o equilíbrio daquela família, gerando a atitude de obter um novo processo para recompor o equilíbrio. Faz-se necessário um apoio psicológico para esses familiares que enfrentam esse desequilíbrio, em busca de reorganizar aquele ambiente familiar.

O apoio psicológico diante da perda de um familiar é essencial para colaborar com reorganização psíquica das pessoas enlutadas, esse apoio contribui com o reestabelecimento do equilíbrio e reorganização do indivíduo que lhe permite vivenciar a perda.

Hisatugo (2000) descreve que ocorre certa resistência e dificuldade em relatar a morte, isso segundo a autora é decorrente da nossa cultura onde o falecimento de alguém acarreta um processo de abandono e medo daquele ocorrido, gerando uma dificuldade de dialogar sobre um fator que desestabiliza os sentimentos das pessoas enlutadas.

Não conseguir demonstrar a dor do luto através da fala, não caracteriza que a criança não esteja sentindo aquela perda, elas podem estar vivenciado o luto de uma forma que não seja benéfico. Faz-se necessário que ocorra uma estimulação da criança para que ela consiga externar o seu luto, cabe ao profissional promover um espaço que entusiasme a criança a relatar seus sentimentos sobre o que está sentindo naquela situação de luto.

Franco e Mazorra (2007) relatam que a morte representa para a criança uma situação estressora, sendo capaz de conduzir à criança a processo que ameaça a sua segurança e sobrevivência emocional. Isso não seria diferente frente a perda de um ente querido

Ainda segundo as autoras supracitadas, as crianças afetadas com a morte de um ente querido necessitam de um suporte psicológico para sanar as barreiras que a morte causou na sua vida, mas além das crianças se faz necessário ampliar esse suporte para a família, onde essa estrutura familiar também se encontra desorganizada pela morte de um dos componentes, onde esse apoio psicológico ao núcleo familiar reflete positivamente no processo de elaboração do luto da criança.

De acordo com Fernandes e Maia (2008) o processo psicoterápico é caracterizado pelo momento que a criança vai expor suas emoções que surgiram

com a morte de um ente querido. No decorrer do processo se faz possível a elaboração desse luto e uma reconstrução de um novo significado para o ocorrido. É notório que a função do profissional de psicologia frente a situações de luto é relacionada ao trabalho de promover um espaço que leve o sujeito a descobrir que além de expressar sua dor, o mesmo pode reorganizar sua vida e seus sentimentos.

### **3 METODOLOGIA**

Essa pesquisa foi elaborada através de consultas em livros e artigos encontrados em base de dados, que abordavam a temática sobre a morte e como é a forma de vivência dessa morte em crianças. Para esse levantamento de informações foi utilizados artigos disponível na plataforma online, *Scientific Eletronic Library* – Scielo, utilizando-se um espaço de tempo que corresponde preferencialmente aos últimos dez anos, mas decorrente do pouco material produzido com a temática nesse período, foi utilizado também artigos datados de períodos anteriores. Com intuito de respaldar este artigo que irá auxiliar na elaboração de conhecimento na área da Psicologia, em particular as áreas que abordam a temática voltada para o luto.

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se inicialmente o método bibliográfico, este, classifica-se por ter como base materiais já publicados, podendo ser utilizados livros, jornais, revistas, anais de eventos científicos, etc. (GIL, 2010).

A procura se realizou de forma que foram utilizadas palavras chaves como: Perda, Luto infantil, Morte e Vivência da perda infantil. Essa procura ocorreu somente visando artigos produzidos no Brasil e escritos na língua portuguesa. Artigos que tinham outras linguagens como inglês e espanhol foram excluídos. Todo material utilizado neste artigo foram escolhidos por atender ao objetivo em questão, sendo assim, os trabalhos que proporcionaram um maior esclarecimento e uma maior compreensão sobre o tema. Os arquivos encontrados foram disponibilizados para download em formato *portable document file* – PDF.

### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É notório que no transcorrer da história o ser humano passou por transformações na sua forma de perceber a morte, passou de uma concepção que considerava a morte como um fato genuíno da conjuntura humana, passando a ser

compreendida com o avançar dos tempos como um momento que proporciona dor e gerando certo tabu na sociedade.

Algumas separações decorrentes da morte de alguém promovem um relevante período de sofrimento, que acarreta em variações psicológicas e comportamentais, onde o falecimento de um ente querido produz dor psíquica que por muitas vezes pode ser frequente se não ocorrer um processo de luto adequado que reorganize a vida do sujeito enlutado, promovendo nele a aceitação do processo.

Uma perda logo no período que corresponde à idade infantil pode acarretar no seu desenvolvimento perturbações futuras. É notório que a comunicação desse fato através de um contexto adaptado para sua idade tem seu papel importante na elaboração do luto e na maneira que aquela criança irá lidar com os sentimentos causados pela morte. O atendimento psicológico para a criança que perdeu um ente querido concede um espaço singular para que se tratem todos os pontos que foram afetados pela morte do seu ente querido, nesse espaço o profissional busca adequar suas intervenções de acordo com perfil da criança.

É importante destacar que esta produção poderá contribuir para o desenvolvimento de futuras pesquisas. Podendo, dessa forma, auxiliar a comunidade acadêmica na elaboração de novos estudos baseado na temática central.

## REFERÊNCIAS

ANTON, M. C; FAVERO, E.. Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. **Interação em Psicologia**, v. 15, n. 1, 2011.

ARIÈS, P.. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BANTIM, V. D. C. S.. A despedida da vida no processo de morte: último fenômeno da existência. **Revista IGT na Rede**, v. 5, n. 9, p. 105-113, 2008.

BELLATO, R.; DE CARVALHO, E. C.. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 13, n. 1, p. 99-104, 2005.

BONJARDIM, S. G. M. et al.. A morte do cristão em transformação: as cidades e o espaço da morte. **Revista de história e estudos sociais**.

BOWLBY, J.. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

BROMBERG, M. H.. **A Psicoterapia em situações de perdas e luto**. Campinas: Livro Pleno, 2000.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S.. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**. Natal, 2006.

DA SILVA, C. S.. **Contribuições da Psicologia Existencial no enfrentamento das perdas e da morte**. 2007.

DA SILVA, E. D. R. et al.. **A Morte no Ocidente: Considerações sobre a História da Morte no Ocidente e suas Representações Históricas**, s.d.

DA SILVA, S.; CARNEIRO, M. I. P.; ZANDONADI, A. C.. O luto patológico e a atuação do psicólogo sob o enfoque da psicoterapia dinâmica breve. **Revista FAROL**, v. 3, n. 3, p. 142-157, 2017.

DE OLIVEIRA, J. B. A.; DA COSTA LOPES, R. G.. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. **Psicologia em estudo**, v. 13, n. 2, p. 217-221, 2008.

DE OLIVEIRA, L. I. S.; ROCHA, M. A. L.. **Conversando sobre Morte com Crianças em Fase Terminal**. 2017.

FARAJ, S. P. et al.. Produção científica na área da Psicologia referente à temática da morte. **Psicologia em Revista**, v. 19, n. 3, p. 441-461, 2013.

FERNANDES, E.; MAIA, Â. C.. Impacto do exercício de psicoterapia nos psicoterapeutas. **Análise Psicológica**, v. 26, n. 1, p. 47-58, 2008.

FERREIRA, L. D.; WIEZZEL, A. C. S.. **Agressividade infantil: entre os fatores emocionais e ambientais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)–Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

FRANCO, M. H. P.; MAZORRA, L.. Criança e luto: Vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia**, 24, 503-511, 2007.

FREITAS, J. L.. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Rev. abordagem gestalt**, v. 19, n.1, p. 97-105, 2013.

GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUANDALINI, F. C.. **As transformações da relação do homem com a morte**. Monografia de especialização, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2010.

HISATUGO, C. L. C.. **Conversando sobre a morte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

IACONELLI, V.. Luto insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 10, n. 4, p. 614-623, 2007.

KOVÁCS, M. J.. **Morte e desenvolvimento humano**. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, M. J. Perdas Precoces. **Revista Viver Mente e Cérebro**, São Paulo, n. 175, p. 74, ago. 2007.

LIMA, V.; KOVÁCS, M. J.. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 31, n. 2, p. 390-405, 2011.

Louzette, F. L.; Gatti, A. L.. **Luto na infância e as suas consequências no desenvolvimento psicológico**. 2007.

MELO, A. M. S.. Dizer Adeus: sintomas e atitudes comportamentais do luto na vida adulta. **Revista Gestal terapia**, Aracaju, [sn], p 2010.

MELO, C. V.. **O significado da morte nas diferentes etapas da vida humana**. 2004.

MENTONE, F. C.. **A psicose desencadeada por um luto infantil mal elaborado**. 2007.

PAULO, T. S.. **Rituais de luto e suas complicações**. 2013.

PEDRO, A. et al.. **A Vivência da Morte na Criança e o Luto na Infância**. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2010.

RAMOS, V. A. B.. O Processo de Luto. **Psicologia. pt. Consult**, v. 30, 2016.

REBELO, J. E.. **Desatar o nó do luto: silêncios, receios e tabus**. Lisboa: Notícias Editorial, 2004.

REZENDE, V. L. et al.. **Reflexões sobre a vida e a morte: abordagem interdisciplinar do paciente terminal**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

RODRIGUES, J. C.. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B.. Concepção de morte na infância. **Psicologia e Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 379-387, 2013.

TIMÓTEO, V. O.. **A notícia da morte na capa do jornal: um estudo da midiatização da morte na notícia sobre mortos que é capa do jornal Estado de Minas**. Belo Horizonte, 2010.

TORRES, W. C.. **A criança diante da morte: desafios.** 4ªed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

WORDEN, J. W.. **Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da saúde mental.** São Paulo: Roca, 2013.